

DON QUIXOTE

de Angelo Agostini
Largo da Carioca .4. (Sobrado)



Salgado. — Já não bastava dous Juizes brigarem por causa do boi! Agora vem este promotor chamar-me á responsabilidade por su- bornos e outras babuzeiras. Oh, justiça! bem precisavas que...

O DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 22 de Janeiro de 1902

Escriptorio e Redacção

LARGO DA CARIOCA N. 4

SOBRADO

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL

ESTADOS

Anno..... 25\$000 Anno..... 30\$000
Semestre..... 14\$000 Semestre..... 16\$000

NUMERO AVULSO 1\$000

EXPEDIENTE

AVISO

Rogamos aos nossos assignantes, o obsequio de mandarem reformar suas assignaturas, afim de não termos o desgosto de suspender a remessa da folha.

A importancia da assignatura, poderá ser enviada em carta registrada no correio, com o valor declarado, ou em um vale postal.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Angelo Agostini, largo da Carioca n. 4, sobrado.

No anno passado de 1900 a publicação do *D. Quixote* foi suspensa em fins de Abril por motivo de enfermidade grave do nosso prezado chefe Angelo Agostini.

Este corrente anno, continuando a publicação do jornal, continuamos a enviar os numeros aos assignantes que haviam pago no principio de 1900. A estes pedimos o obsequio de reformar suas assignaturas antes de terminar o actual para evitar interrupção na remessa regular.

Mas temos tambem muitos assignantes que receberam o *D. Quixote* de Janeiro a Abril de 1900 sem terem satisfeito a importancia das assignaturas e ainda não fizeram até hoje.

Cabia pagar 8\$ aos assignantes da capital federal e 10\$ aos dos estados.

A estes pedimos que entrem em accordo com a nossa caixa porque não nos é absolutamente possivel deixar o caso insolúvel, dadas em grandes responsabilidade de um jornal de pesado custeio como o *D. Quixote*.

Temos o desgosto de avisar aos nossos assignantes, ainda devedores das importancias de assignaturas do anno findo, que, nesta data, suspendemo-lhes a remessa da folha.

O PAGODE ELEITORAL

LA COMEDA É FINITA

O primeiro acto constou das eleições quasi abandonadas em que apenas insignificante maioria da população deu-se ao trabalho de ir votar, por descargo de consciencia, heroicamente, arriscando a sua vida, nos tumultos e conflictos e a sua dignidade na coparticipação da farça indigna que se chamou eleição municipal na ca Capital Federal.

No segundo acto, parodia burlesca da multiplicação dos pães foram protugnistas os pretores que mais multiplicaram do que sommaram, metendo em contas fantasticas, resultados ainda mais fantasticos, apresentados por chefes politicos, de secções onde toda a gente sabe que não houve eleição.

O ultimo acto, que pode ser chamado — O Prazo Fatal — foi quando os pretores, vendo esgotado o periodo legal sem que se esgotassem as duplicatas e escandalos, deram por finda a sua missão, que na verdade não findara (graças a Deus!) e lavaram as mãos como Pilatos (fazendo muito bem em tomar tal precaução, apoz semelhante trabalho.)

O Sr. ministro da justiça sem saber o que fizesse de tanto embrulho, appellou para o Sr. Dr. Campos Salles, que fez a unica cousa que lhe era permittido fazer. Annullou toda essa vergonhosa comedia e (ô dura necessidade!) chamou novamente os intendentes antigos, emquanto aguarda que o Congresso se reuna para resolver este complicado caso.

O epilogo vai ser portanto na Camara e no Senado e esperamos ainda pasmar muito, porque já se estão preparando scenas e disparates formidaveis.

Ora ahi está.

Decididamente este pobre districto tem caveira de burro.

Ainda por cima, depois de tanto escandalo vai aturar de novo o conselho que o favoreceu com a sua ausencia. Vai ter mais alguns mezes de assoladora administração.

Esses, os intendentes de hontem é que tem muita sorte! Arranjaram por artes de berliques e berloques um anno mais de subsidio alem do praso da lei. Agora são

os que ganham ainda e voltam para o conselho; a sustentar o caso da telephonica e outros negocios da China.

Pobre districto federal!

CARNES EMBRULHADAS

E continúa tudo como dantes.

E continúa o povo pasmo, bestificado, como se diz em linguagem politica, sem perceber, sem entender nada.

Não admira, porem, porque no proprio recinto da justiça e do direito, lá, no meio da gente sabia e grave das leis, ninguem se entende. Cada juiz dá uma sentença desparafada, todos appellam para a sagrada Constituição, e, baseando-se nella, e defendendo-a, comettem quanta barbaridade lhes vem ás desmioladas cabeças, embrulhando a logica, a razão e a coherencia.

E a gente que respeite a magestade da lei.

O caso é que o vencedor é ainda o juiz Godofredo Cunha, que, saltando por cima de um contracto official, mettendo-se a administrar o districto federal, e preparando novas indemnisações para os já exhaustos cofres da Prefeitura, encontra o apoio do Supremo Tribunal e a impunidade para os seus desatinos.

Quanto ao unico juiz competente em materia do Districto, o Snr. juiz dos feitos da Fazenda Municipal esse lançou tambem o seu mandado de manutenção, de que fizeram tanto caso como de um discurso do Seixas

E berram todos que é preciso cumprir a lei.

— Que lei? perguntam os ingenuos.

Qual é a lei solida se o contracto assignado com o governo municipal é desprezado, se a autonomia do districto federal é desconhecida e a palavra do juiz municipal é vã.

A lei é uma pilheria, explorada por esses senhores, interessados em negocios.

A lei no Rio de Janeiro é uma grande pandega que só serve para amparar os que mais gritam e de que os exploradores se servem como base de suas especulações.

Os proprios jurisconsultos não a conhecem nem respeitam, porque, sendo a lei uma unica e clarissima, as suas opiniões são multiplas e incoherentes, variando

conforme os casos e mórmente segundo as pessoas.

Sejamos francos. Façamos toda a sorte de escandalos, arranjem a nossa vida seja lá porque meio fôr, prejudiquemos os nossos inimigos, que dizem ser isso de boa guerra; mas não enchamos a bocca com o nome da lei não augmentemos a nossa vergonha publica, lembrando tão a miúdo, o Direito e a Justiça espezinhados pelos interesses pessoaes.

PESTE PER OMNIA

E vão ver que será assim.

Pelo caminho em que vamos é licito perdes as esperanças de ver expulsa da capital da Republica a Bubonica, que já foi debellada em Santos, em S. Paulo e em Campos. Só no Rio de Janeiro é que toda a pericia da Hygiene, toda a enegia municipal, todos os creditos pedidos e votados não conseguem estirpar o mal.

Em Napoles, onde a população é tão difficil dirigir como aqui, a municipalidade combateu e venceu a peste bubonica em 15 dias.

E nós que temos a febre amarella nacionalisada e estabelecida ha longos annos vamos ter mais este flagello, para completar a desmoralisação da capital da Republica, que continuará a ser apontada no estrangeiro como um foco de epidemias e uma ante-camara da morte.

No meio dessa verdade desoladora as discussões estrugem, todos se accusam, todos gritam. A imprensa cahê em cima da directoria de Hygiene que quando não accusa o governo e com muita graça porque se os creditos não chegam a culpa não é dos poderes publicos, que consederam quanto lhe foi pedido, accusa e publico.

Ora o publico é o mesmo em toda parte e não obedece quando as ordens não são bem dadas e principalmente bem fiscalisadas.

Accusa porem a Hygiene e com rasão os medicos, que por miseraveis interesses de dinheiro occultam casos suspeitos ou reconhecidos, trabalhando para a propagação do mal.

Nesse ponto as accusações são justissimas. Ainda ha pouco tempo, 15 dias mais ou menos foi-nos contado por um deputado norte um caso curioso.

Appareceram em sua residencia ratos mortos. Naturalmente assustado o representante da nação pediu providencias e fez desinfectar minuciosamente sua residencia.

Mss ninguem comprehendeu o apparecimento dos ratos mortos.

Passou-se um mez e por accaso o deputado veio a saber que no armazem que o fortiecia tinha havido tres casos de peste — tres casos de morte.

Assim S. S. comprara generos em que o peso era completado com microbios.

Felizmente o deputado teve tanta sorte que em vez de attacar as pessoas de sua familia a peste aocou apenas os ratos limpando-lhe a casa e poupando-lhe despesas com ratoeiras.

Mas calculem o perigo que correram todas as pessoas que compravam no referido armazem constituindo assim um centro de propaganda da Bubonica.

AGUA

Decididamente o Rio de Janeiro já não possui uma só gloria. O corpo de Bombeiros, o heroico, a bravo, o rapido, o inestimavel, a honra nacional, que apresentamos orgulhosos ao estrangeiro attonito, é hoje um corpo meramente decorativo, serve apenas para figurar nos prestitos civicos e dar uma nota pittoresca na cidade, com os fachos accesos e as campainhas tilintando.

Pois se não ha agua!

Bombeiro sem agua é corpo sem alma.

Ainda esta semana houve varios incendios os bombeiros vieram logo, mas o precioso liquido fez-se esperar e o fogo não esperou segunda ordem; foi fogo visto... torresmos.

E' curioso. Faz lembrar o caso do macaco com a lanterna magica. O governo arranhou tudo, comprou bombas, arregimentou pessoal, exercitou-o, preparou-o, fardou-o... esqueceu-se apenas de accender a lanterna, isto é de dar-lhes agua.

MEDICINA AMBULANTE

Por causa de umas vistorias e condemnações de predios feitas em S. Paulo, muitos proprietarios daquela cidade re-

uniram-se e resolveram não alugar mais casas a medicos.

A cousa tem graça e se não josse uma imbecilidade impossivel de pôr em pratica ainda mais graça teria.

Imaguem toda uma classe social — e tão numerosa! — privada de tecto, dormindo ao relento ou acampando em barracas nas praças publicas e nos campos, a menos que o governo lhes fizesse construir galpões.

E as consultas e os chamados?

Teriamos o medico ambulante como já temos o peixeiro e o vendedor de hortaliças ou estacionariam os doutores pelas esquinas onde receberiam chamados como os carregadores?

Havia de ser delicioso.

Mas não tanta como a gravidade burlesca e a segurança oca com que os proprietarios paulistas assombraram o mundo com a sua energia platonica.

CURIOSIDADE

Foi-nos enviado um cartão com os seguintes dizeres:

« Inclyta redacção do *D. Quixote*. Rio de Janeiro.

« Aurora Campos e Irene Costa, redactoras do *Chromo*; desejando prestar uma justa homenagem ao grande escriptor brasileiro Coelho Netto, pedem a essa illustrada redacção o pequeno auxilio de 5\$.

« Certas de que serão attendidas, aguardam resposta até o dia 12 de Fevereiro e desde já se confessam agradecidas.

« S. Paulo, 15 de Janeiro de 1902.

« Pedimos não publicar esta nossa missiva!! »

Perdoem-nos as amaveis e certamente bellas collegas se desobedecemos ao pedido final mas foi nesse ponto do vosso cartão que pasmamos.

Porque na verdade é de pasmar.

Que haja um jornal intitulado *Chromo*, nada mais natural, que esse jornal seja redigido por senhoritas, não é cousa do outro mundo, que se queira prestar uma homenagem a Coelho Netto. não será a primeira; que para isso se appelle para a Imprensa — era de esperar — a imprensa é a alavanca... etc.

Mas que se queira fazer tudo isso mui-



Impellido por uma forte correnteza, o tronco descia rapidamente o rio. Apesar de bons nadadores, os bugres, compreendendo a impossibilidade de lutar contra a correnteza, mantiveram-se sobre o tronco.



Passado o primeiro momento de desespero, Zé saltou sobre o embrulho que Inayá costumava carregar, tirou d'elle uma corda, pegou no machado.



e deitou a correr pela beira do rio, seguindo com os olhos o tronco que carregava com a sua infeliz Inayá. Não perdendo animo, tornou a seguir a margem do rio para tentar novo esforço:



Houve uma ocasião em que elle teve esperança de poder salvá-a, atirando-lhe com a corda. Infelizmente, nesse lugar o rio, era mais largo e a corda não pôde alcançá-la!



Não perdendo animo, tornou a seguir a margem do rio para tentar novo esforço:



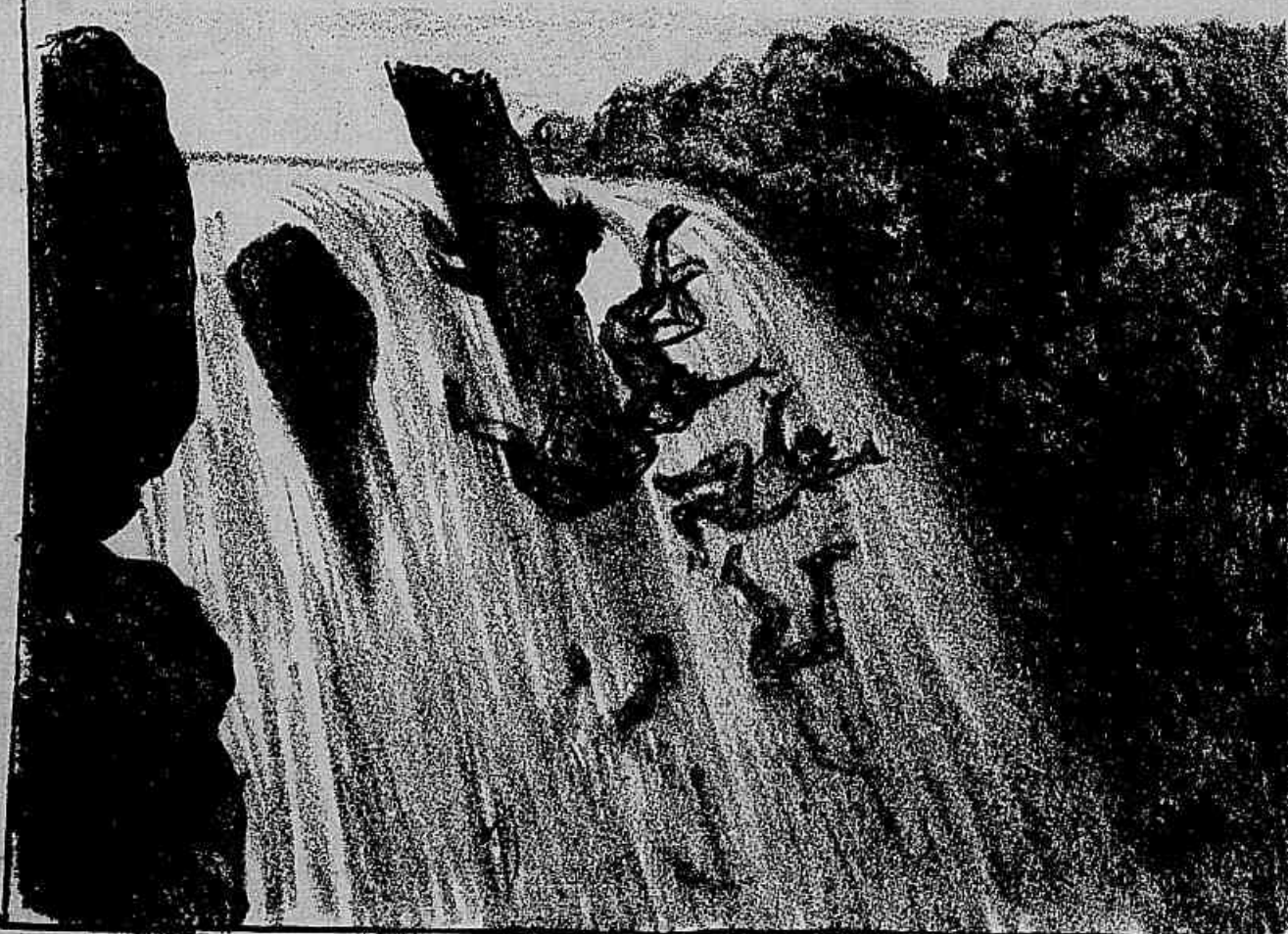
teve, porém, que parar diante de obstáculos que o obrigaram a servir-se do machado para abrir caminho, e que lhe fizeram perder um tempo precioso.



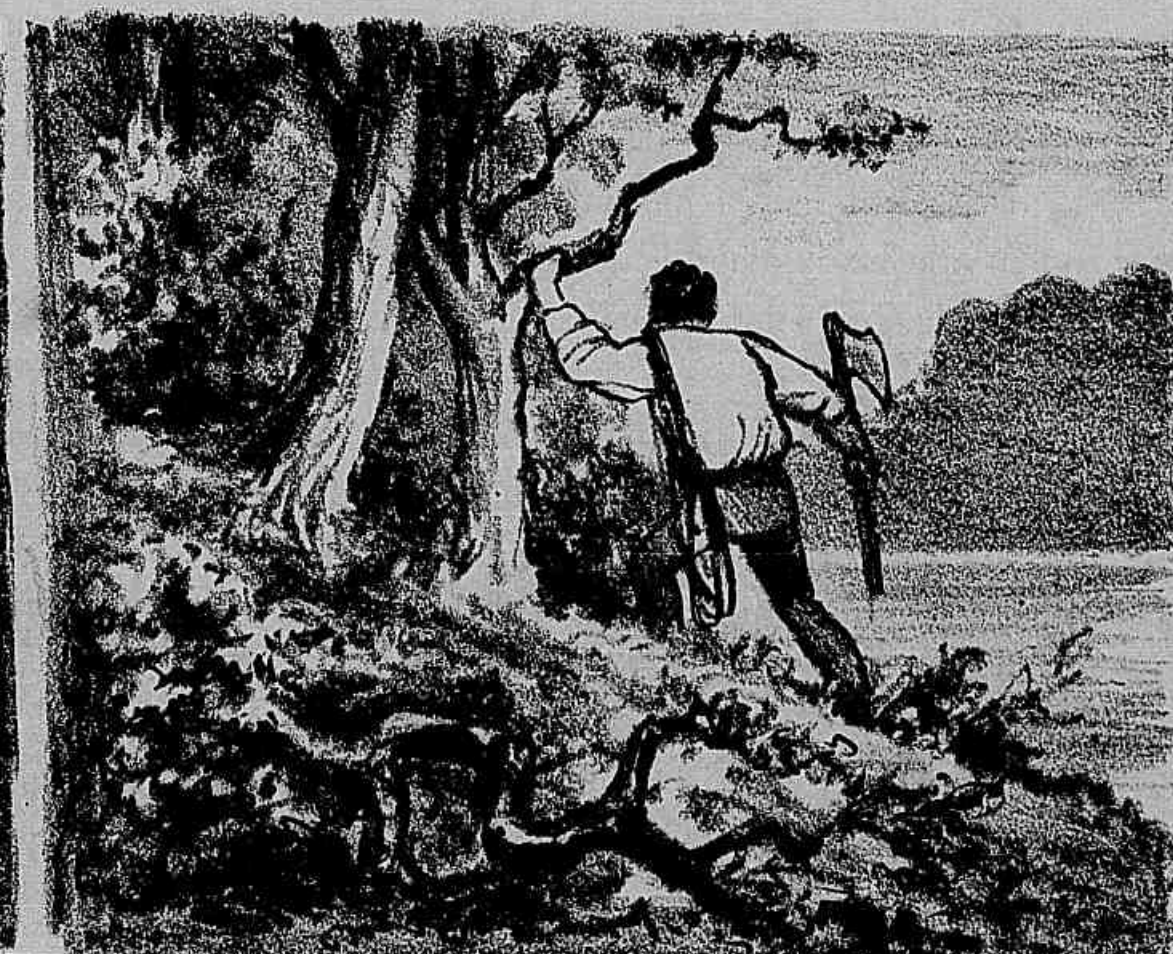
Vendo, afinal, que era impossivel salvar a india, Zé entregou-se ao desespero! Pobre Inayá! dizia elle, soluçando, morrer por minha causa, ella tão meiga, tão valente e corajosa!



Um tremendo grito de angustia ecoou de repente, repercutindo-se pelas margens do rio. Zé ergueu-se como impellido por uma mola e viu ao longe, o tronco precipitando-se no abysmo!



Os desgraçados que a elle se achavam seguros, foram precipitados de uma altura de mais de 40 metros, despedaçando-se os seus corpos sobre as pedras! A morte dos infelizes foi instantanea!



Passado o primeiro choque, Zé tomou uma resolução e continuou a seguir a margem do rio. Já que não tinha podido salvar a vida á infeliz Inayá o seu fim agora era procurar o seu corpo para salvá-lo da voracidade dos peixes ou dos urubús.



Chegando perto da cascata, Zé viu por entre as arvores a enorme massa d'agua que se despejava com um barulho atordoador e comprehendeu o horror de uma queda em tão profundo e medonho abysmo!



Chegando mais perto, para ver onde a cascata se precipitava, Zé estacou de repente; os seus cabellos se eriçaram, seus olhos abriram-se desmesuradamente e um grito... um grito impossivel de definir, soltou-se daquello peito que já mal podia conter as palpações de um coração tão angustiado!

(Continúa.)

to em segredo! Pedir silencio á imprensa cujo principal mister e businar! Querer fazer uma subscrição em familia, escondida, como se fosse cousa muito feia!!

E' assombroso!

Em principio estamos de accordo com as gentis collegas.

Nada mais justo do que uma justa homenagem a um litterato.

Mas nada de segredinhos, de caixas encouradas. Faça um rateio publico, barulho, muito barulho é o que se quer.

Quanto mais propaganda e bombo mais successo.

SUPREMO RECURSO

Um bispo andava em discussão com varios homens que não usam batina a proposito de uma Casa de Caridade na Parahyba do Sul ou antes de uns dinheiros pertencentes a esta Casa de Caridade e que a autoridade ecclesiastica queria gerir e os homens que não tem batina julgavam-se no direito de administrar.

A cousa entrou pelo terreno da justiça e o bispo desceu a discutir direito com os leigos e pleitear em tribunaes como um homem qualquer, mas imaginem que os leigos foram descobrir—um testamento do fundador do estabelecimento dando-lhes todos os direitos a gerencia.

Horror! Ahi o bispo não quiz saber de mais nada, aquillo era peccado e peccado feio.

E pega em si e excommunga o Dr. Benedicto Valladares um dos mais atrevidos entre os leigos, que não se quizeram sujeitar a vontade de S. Reverendissima.

A religião não tinha que ver com o caso mas é a mesma cousa.

Ou bem que se é Bispo ou bem não se é.

Dizem que o Dr. Valladares vai se suicidar de desgosto e não come de pezar.

Não é para menos.

LEOPOLDO HECK

Este velho illustre gravador, tão conhecido e estimado em nossa patria que adoptara depois de mais de quarenta annos de residencia falleceu no dia 17 do corrente.

Os seus trabalho numerosos e de valor raro, tinham-lhe grangeado notavel nomeado. Ultimamente, já abatido por enfermidades crueis, ainda tinha empregado longos mezes na confecção de em trabalho curiosissimo, a reprodução do celebre quadro *A Entrada de Carlos V em Antuerpia*, que despertou profunda admiração exposto na rua do Ouvidor.

O veneravel morto deixou trez filhos varões.

BARÃO DE PEREIRA FRANCO

Foi uma surpresa terça-feira ultima a noticia do fallecimento do Dr. Luiz Antonio Luiz Pereira Franco, barão de Pereira Franco ministro do Supremo Tribunal Federal.

O notavel jurisconsulto nascera em 1826 na capital do estado da Bahia foi senador do Imperio e desde o advento da Republica foi nomeado ministro do mais alto tribunal do Brazil.

Foi tres vezes ministro no passado regimen e em sua longa vida de trabalho e estudo prestou elevantes e leaes serviços a Patria.

O TRUST DA CERVEJA

Quando escrevemos no numero passado sobre o monopolio da ceveja, longe estavamos de suppôr que as nossas observações fossem confirmadas em tão curto espaço de tempo.

Infelizmente para o cousumidor, as quatro fabricas mais importantes do Rio de Janeiro e de S. Paulo já tinham assignado o convenio, cujas consequencias prejudiciaes já começaram a se fazer sentir.

Até aqui, as fabricas de cervejas, estimuladas pela concurencia e em lucta umas com as outras, offereciam aos commerciantes e aos consumidor uma serie de vantagens e concessões com que todas lucravam e que muito contribuiam para augmentar a venda. Tudo isso acaba de desaparecer.

Assim que o convenio foi assignado, apressaram-se os monopolisadores em impor as suas suas condições fazendo sobre o commercio intoleravel oppressão, que naturalmente repercute sobre o consumidor,

mais uma vez victima dos que especulem á sua custa.

Até aqui, os fabricantes de cerveja forneciam ás casas de bebidas os barris acondicionados em gelo, afim de serem detalhados em *chopps*: o gelo foi supprimido.

Até aqui, as fabricas recebiam os encahes, o que contribuia para facilitar a venda: essa concessão desapareceu.

Até aqui, a cerveja era vendida a prazo ás casas de bebidas: agora os monopolisadores exigem o pagamento á vista.

E, como se isso não bastasse, o preço da duzia de garrafas de cerveja foi desde já augmentado de mil e quinhentos réis, augmento que previmos em nosso artigo e que é uma consequencia fatal de todo monopolio.

Mas os monopolisadores foram mais longe. Agora, que estão senhores do mercado, não lhes basta a suppressão de vantagens que são praxe corrente no commercio, não lhes basta obrigarem o consumidor a pagar mais caro os seus productos: querem ainda que este só tenha desta ou daquella marca, conforme apraz aos seus interesses.

Assim é que ficou resolvido que, das duas fabricas que aqui funcionam e fazem parte do *trust*, uma só fornecerá cerveja em barris para ser vendido em *chopps*, enquanto que a outra só venderá cerceja em garrafas; e o mesmo se combinou para as duas fabricas de S. Paulo.

Ora, semelhante existencia não pode ser acceita sem forte protesto, porquanto é intoleravel querer obrigar o consumidor a beber em *chopps* uma marca de cerveja que não agrada ao seu paladar, sob pena de fazel-o desembolsar maior quantia para beber em garrafa a cerveja da sua preferencia.

PIADINHAS

Consta que o Snr. ministro da Instrução no sentido de manter a ordem na capital da Republica, vai assignar um decreto approvando em todos os preparatorios todos os cidadãos brasileiros de 6 mezes a 35 annos de idade.

* * *

Podemos garantir que vai ser reformado o regulamento dos exames no Gymnasio Nacional. Aquelles homensinhos implicantes que fazem perguntas indiscretas aos

estudantes, só por maldade, para atrapalhar-os, não terão mais o título de examinadores. Serão chamados — aprovadores. Muito bem.

* *

As companhias de Seguros de Vida desta capital resolveram não aceitar mais negócios com examinadores do Gymnasio Nacional.

* *

A companhia do Jardim Botânico insiste com a Prefeitura afim de obter licença para deitar abaixo as velhas arvores das ruas Marquez de Olinda e Voluntarios da da Patria.

A companhia comprometter-se a plantar outras arvores que dentro de 5 annos serão tão seculares como as que vão ser cortadas.

* *

Da tão fallada industria nacional havia uma cousa positivamente boa — Cerveja — . Agora as fabricas se entenderam num arranjo e a cerveja nacional vai-se tornar mais cara do que a estrangeira.

A culpa é do governo que lançou impostos prohibitivos sobre as cervejas estrangeiras e esqueceu-se de fazer o mesmo com os trusts.

* *

Dizem telegrammas de Lisboa que Portugal em peso decidiu não comer mais (senão quando estiver com appetite) de desgosto porque o clero do Brazil prohibiu as exequias por alma do glorioso Mousinho de Albuquerque.

Tambem desde que nos sobemos do tremendo castigo, só temos comido cinco vezes por dia.

Tico-Tico.

NOTICIARIO

A imprensa, as vezes, tem ingenuidades inauditas.

Pois a *Gazeta de Noticias* não se lembrou, um destes bellos dias de calor horrendo, de levantar mais uma vez campanha sobre a limpeza publica da cidade!

Ora dá-se!

Pois isso é cousa em que ainda se falle! Pois ainda ha quem espere alguma coisa da limpeza da Prefeitura, quem acredite que os poderes municipaes se resolvam

algum dia a tirar a cidade o seu caracter de chiqueiro com que tão bem se dá a edilidade em peso?!

Santa innocencia!

O que vale é que no mesmo dia em que a *Gazeta* deitou artigo de doutrina, serio e sizudo pedindo providencias e aconselhando melhoramentos, viu-se na rua do Ouvidor, a poucos passos da redacção, uma scena impagavel. Os varredores juntaram todo o cisco das immedições e fizeram um monte — uma montanha enorme de lixo alli no canto da rua dos Ourives.

Eram 6 horas da tarde e cahiu a noite e passou-se a noite e passava, passava o publico dando volta á pittoresca collina e ninguem estranhava o novo ornamento da grande arteria.

E por fallar em cousas da cidade. O verão cá está formidavel, tremendo. já não vale apenas viver. Respira-se vapor dissora-se agua forvente, e com o bello estado da cidade, a poeira invade tudo, entra-nos pela bocca, pelo nariz, pelos olhos, é uma delicia!

Na rua do Ouvidor a elegancia e a belleza são cousas legendarias. As senhoritas passam bufando numa nuvem de pó, com o rosto luzindo de suor, o pó de arroz empapado, a escorrer, os olhos franzidos ao sol numa caretta. Uma belleza.

E os rapazes com os collarinhos molhadissimos enrollados no pescoço, a bufar, a abanar-se, a arquejar...

THEATROS

Marasmo quasi completo, absoluto, quasi nada de novo porque ninguem pôde chamar novidade o *Naufragio da Fragua Medusa* e foi esta a unica cousa que transformou o cartaz do *Recreio*.

A companhia do Dias Braga anda inteiramente preocupada com o *Quo Vadis*, que já se vai tornando legendario, tal o numero de transferencias e delongas que tem soffrido a sua primeira representação.

O caso é que apesar d'isso, na ultima semana, como sempre, foi a companhia Dias Braga a mais protegida pelo publico que especialmente no sabbado deu ao *Recreio* monumental enchente.

A *Medusa* com a sua jangada e seus naufragos não só encheram completamente o theatro como provocaram grandes applausos, grandes enthusiasmos.

E ali está. Bem dizemos nós que o Dias Braga é o unico empresario que sabe comprehendere o nosso publico. Conhece-

lhe os gostos, dá-lhe o que elle quer — ganha dinheiro. Albarda-se o burro á vontade do dono.

* *

Pelas mesmas clarissimas razões a Sra. Cinira Polonio só lá uma vez ou outra consegue ter metade da casa occupada.

Pudera. Pois se ella faz comedia — *vaudeville* parisiense e fino!...

Pois se quer obrigar o publico (o grosso e grande publico que enche theatros) a abandonar o dramalhão vetusto de uma simplicidade desoladora e vir massar-se em prestar attenção a dialogo, a pilherias difficeis de comprehender e peças em que não morre ninguem, nem ressuscita, nem vai preso, nem grita: — « minha filha! »

Ora adeus! Assim é inútil teimar.

Sabbado meia casa no *Lucinda* para a primeira representação do vaudeville *Deputado de saias* uma peça bem feita e engraçada, que faz passar a noite agradavelmente e os artistas da Sa. Cinira se esforçaram por levar ao triumpho.

O exito foi franco. A plateia ria, applaudio... Assim estivesse ella cheia.

* *

Fallou-se em mais uma tentativa do corajoso empresario Paschoal Secreto, que (constou) ia transformar mais uma vez o theatro Principe Imperial — dar-lhe novamente o titulo de *Theatro Variedades* e organizar para elle uma companhia de operetas e revistas, tendo como primeira dama a Sra. Pepa Ruiz. Mas parece que esses planos foram abandonados. O Sr. Secreto inaugurou o seu gracioso theatro do Parque Fluminense, com uma representação do *Principe da Bulgaria* a agora, satisfeito com o exito da inauguração, o seu sonho é levar de vez a companhia Cinira para o seu theatro e começar a apregoada descentralisação das diversões que o Arthur Azevedo tanto parece desejar.

EMILIO FOGUETE

NOSSA ESTANTE

Recebemos:

A *Estação*, numero de 15 do corrente d'essa excellente publicação de modas.

— A *Revista da Semana*, sempre interessante e variada.

— A *Universal*, n. 27.

— *Anuario Fluminense* elegante e muito util publicação feita por Ferreira da Rosa e Cardoso Junior com muitas informações e boa parte litteraria. A parte do almanach sobre a capital federal é preciosa.

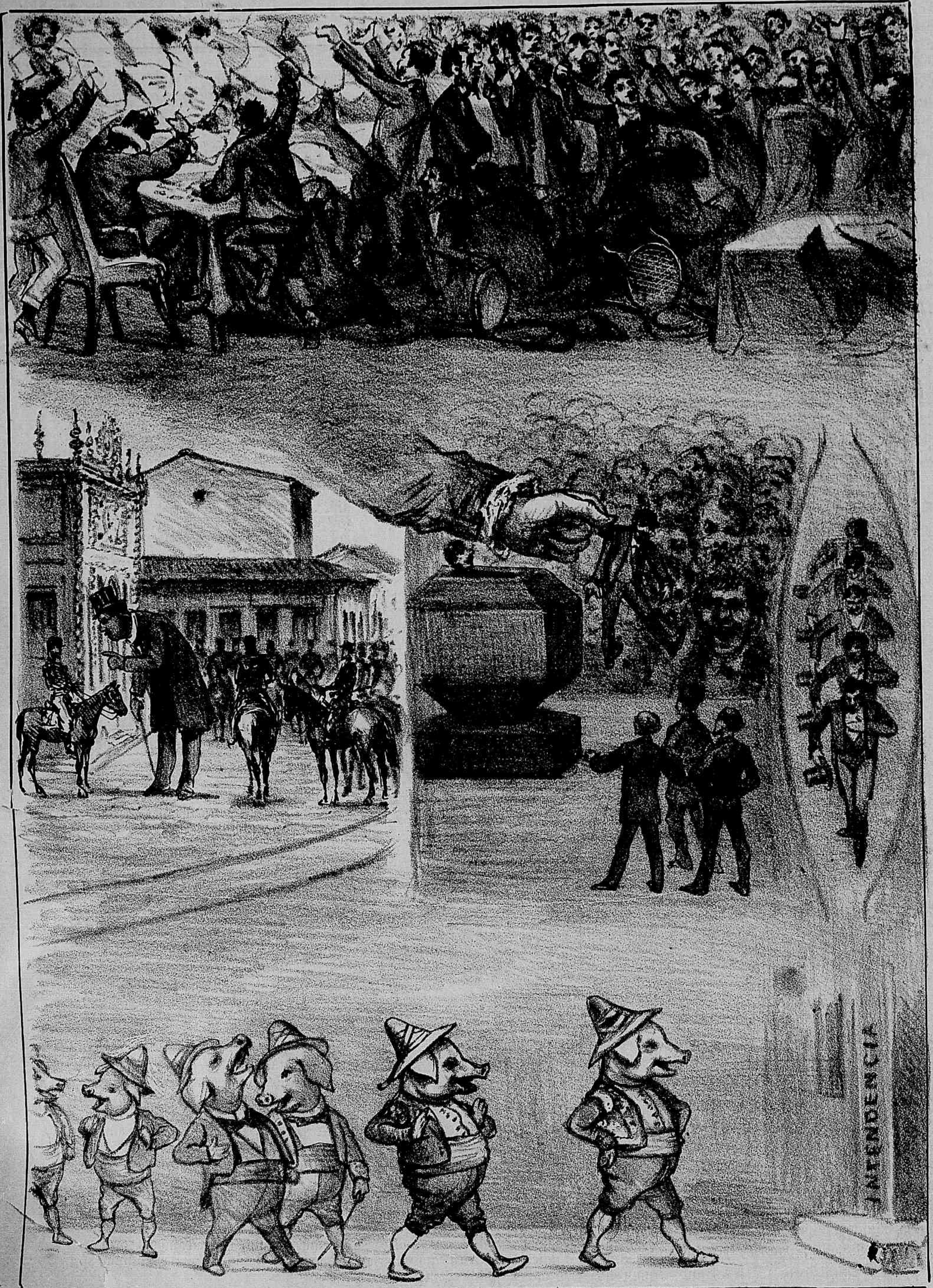
— O *Rio Artistico* revista de annuncios com retratos.

— *Revista Maritima Brasileira*, n. 5 do XXI anno.

— O *Iris*, n. 27.

— Photo-valsas de Valerio Vieira com uma capa muito artistica, um cliché photographico, muito bem arranjado formando um grupo de 50 figuras com uma só pessoa.

Final da pilheria eleitoral. Que pandegos!



Depois de uma chinfrinada tremenda, em que os pretores passaram à... história e à lenda, foi uma surpresa sem limites! Que ladroeira!!! Da eleição saíram bem cinco que declinaram da honra, agradecendo. Para evitar assaltos aos livros, o Alvarenga director do Conselho, fez guardá-los por tropa. De toda esta troca, o resultado final, foi o Campos Salles chamar os antigos....